

#198

# Bordalo II no Jardim Gulbenkian

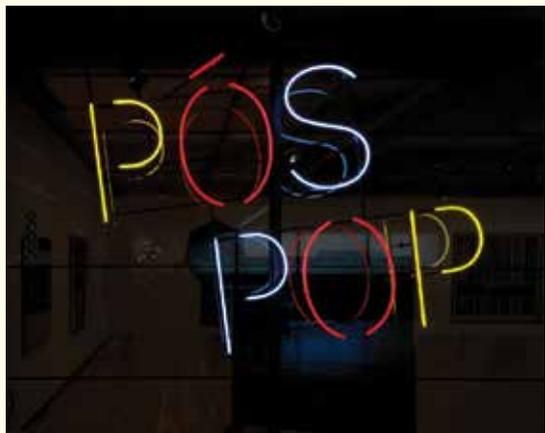
## Os desvios da Arte Pop

### Guerra ou Paz no Grande Auditório

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN



# Neste número



© CARLOS AZEVEDO

## 4

### Os desvios da Arte Pop

Antes da revolução de 74, muitos artistas portugueses usaram a cor como escape aos dias cinzentos da ditadura salazarista. Entre 1965 e 1975, ingleses e portugueses recriaram a linguagem da Arte Pop em inúmeras representações artísticas que podem ser vistas na exposição *Pós-Pop. Fora do lugar-comum* na Galeria principal da Fundação Gulbenkian. Neste número, apresentamos três das mais de 200 obras que podem ser vistas até setembro.

## 7

### Bordallo II no Jardim Gulbenkian

Uma urso maior, feita de materiais reutilizados, e outra mais pequena composta por plástico e materiais não degradáveis, representa o mundo que estamos a deixar às gerações futuras. Os dois novos "habitantes" são uma criação de **Bordallo II** para o Jardim Gulbenkian e podem ser vistos (e fotografados) até final de maio.



JOYCE DIDONATO © D.R.

## 12

### Guerra ou Paz

Na história da Humanidade, alguns períodos trágicos, marcados pela guerra, inspiraram verdadeiras obras-primas musicais; o mesmo se pode dizer em relação à celebração da paz, que originou algumas das mais belas páginas da história da música. Em maio, a Gulbenkian Música apresenta um programa de sete concertos que reúne alguns exemplos sublimes de partituras que evocam as vítimas da guerra, mas também que cantam a reconciliação e a harmonia entre os povos.

## 15

### Dia e Noite dos Museus

De **17 a 19 de maio**, o Museu Calouste Gulbenkian apresenta uma programação variada para assinalar o Dia Internacional mas também a Noite dos Museus. Visitas, música, performances, vão acontecer em vários locais da Coleção do Fundador e da Coleção Moderna. Todas as atividades têm entrada livre. Programa em [gulbenkian.pt](http://gulbenkian.pt)



© CARLOS AZEVEDO

# Índice



CARLOS DA SILVA CORRÊA © MÁRCIA LESSA

## 16

### O primeiro bolseiro Gulbenkian

Em 1955, Carlos da Silva Corrêa pedia ajuda a José de Azeredo Perdigão para prosseguir os seus estudos. O valor concedido como empréstimo foi agora devolvido por um homem que dedicou a sua vida à universidade e ao ensino da Química Orgânica.

---

<b>Arte</b>	<b>4</b> Os desvios da Arte Pop
	<b>7</b> A pegada da sustentabilidade na arte
	<b>10</b> 50 anos de arquitetura portuguesa
	<b>11</b> O poder dos talismãs

---

<b>Música</b>	<b>12</b> Guerra ou Paz
---------------	-------------------------

---

<b>Atividades educativas</b>	<b>14</b> Arte Acessível
------------------------------	--------------------------

---

<b>Notícias</b>	<b>15</b> Dia e Noite dos Museus
	<b>16</b> "A Fundação caiu do céu!"
	<b>18</b> Vêm aí as Academias Gulbenkian do Conhecimento
	<b>19</b> Investir no desenvolvimento sustentável do oceano
	<b>19</b> Prémio Fernando Gil
	<b>20</b> STOP Infecção Hospitalar!
	<b>21</b> Afinal o cancro tem calcanhar de Aquiles

---

<b>Ambientes</b>	<b>22</b> Dia da Terra, por Gonçalo Barriga
------------------	---

---

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#198 — MAIO 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — BORDALO II, HALF BEAR, 2018 © GONÇALO BARRIGA / IMPRESSÃO — CRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN\_PT

## Os desvios da Arte Pop

*José de Guimarães, Teresa Magalhães e Tom Phillips assinam as obras escolhidas pelas curadoras da exposição Pós-Pop. Fora do lugar-comum. Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas apresentam a surpreendente diversidade de linguagens presente nesta exposição, que reúne mais de 200 obras de artistas portugueses e ingleses, entre 1965 e 1975.*



TERESA MAGALHÃES, PHOTOQUICK, 1972  
COLAGEM, PAPEL E TINTA ACRÍLICA SOBRE MADEIRA  
COLEÇÃO TERESA MAGALHÃES

### **Photoquick, de Teresa Magalhães**

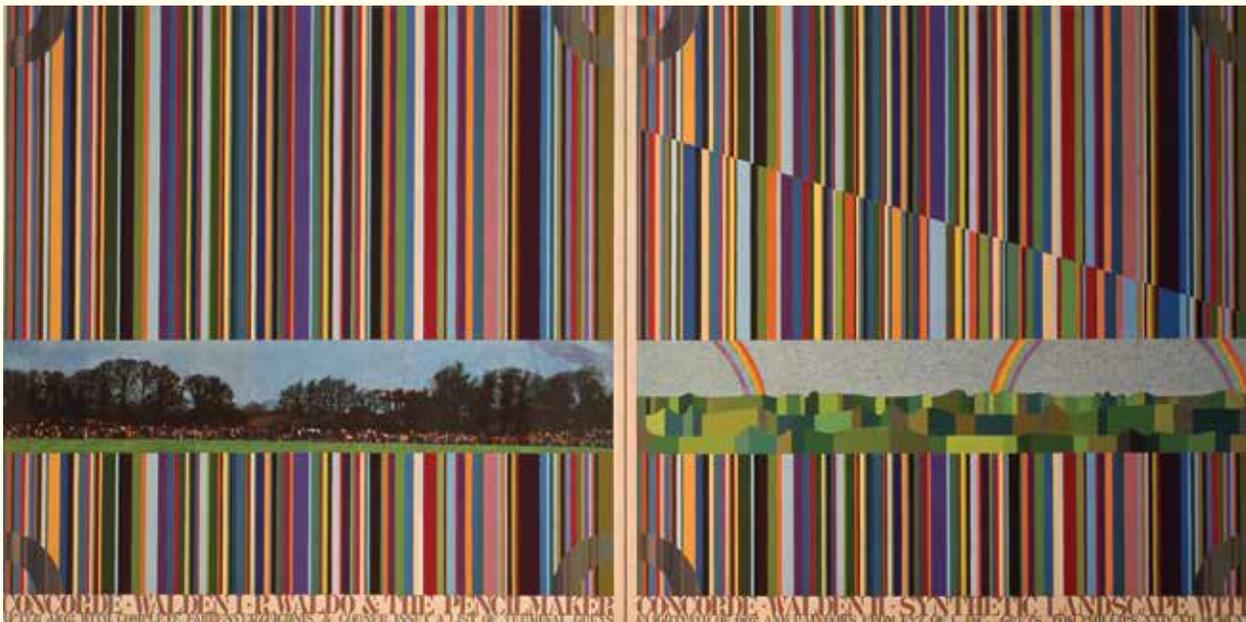
Entre 1971 e 1972, Teresa Magalhães realiza uma série de obras com figuras recortadas. *Photoquick* faz parte desta série mas, ao contrário dos painéis em relevo habitados por figuras performativas (sobretudo de teatro e de cinema), nesta obra a artista representa uma situação muito contemporânea, de alguém que se faz fotografar nas então novas máquinas Photomaton. Estas cabinas de fotografia *self-service* espalharam-se pela cidade a partir de 1968. Eram utilizadas para tirar fotografias rápidas, «tipo passe» (expressão que só se difunde depois), e implicavam autonomia por parte do cliente. É esta ausência de relação com o fotógrafo que Teresa Magalhães sublinha, por meio da cortina verde onde se concentra o nosso olhar. Curiosamente, o anonimato do fotografado é contradito pela colagem (exposição pública) das pequenas fotografias resultantes do processo, que retratam, entre outros, a própria artista e o pintor Sérgio Pombo.



JOSÉ DE GUIMARÃES, *RETRATO DE FAMÍLIA*, 1968.  
TINTA ACRÍLICA SOBRE MADEIRA, TÉCNICA MISTA  
COLEÇÃO FUNDAÇÃO DE SERRALVES — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, PORTO

### ***Retrato de Família*, de José de Guimarães**

Esta instalação com caixotes modulares de madeira, painéis justapostos, recortados e pintados, e um par de sapatos em gesso, cobertos a tinta vermelha, foi apresentada pela primeira vez em 1968 no âmbito de uma exposição-instalação de José de Guimarães no Museu de Angola, em Luanda. Nessa altura, o artista encontrava-se em Angola, incorporado no Exército Português, no contexto da guerra colonial. Essa exposição, onde também foram mostradas outras obras agora apresentadas — como a serapilheira pintada e intitulada *Inscrições* e as pinturas *Life* e *O Rei Mandou que o Soltassem* —, foi especialmente importante na sua carreira, resultado dos contactos que mantinha com artistas e intelectuais angolanos. O estímulo desse período vivido em Angola (entre 1967 e 1974) foi fundamental para o desenvolvimento da obra de Guimarães, tendo nascido nestes anos o seu interesse prolongado pela arte e pela cultura africanas.



TOM PHILLIPS, *CONCORDE, WALDEN I AND WALDEN II*, 1971  
TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA (DÍPTICO)  
COLEÇÃO BRITISH COUNCIL © TOM PHILLIPS, DACS 2018

## **Concorde, de Tom Phillips**

A partir das cores utilizadas nas paisagens centrais da pintura (em díptico), Tom Phillips pinta riscas verticais dessas mesmas cores, pela ordem da sua utilização. São “paisagens sintéticas”, na expressão do próprio artista. À esquerda, pessoas num campo dos arredores de Bristol assistem à descolagem do avião Concorde; à direita, um campo, feito a partir de um registo gráfico, sintetiza cores e formas, entre a pintura plana dos campos geometrizados, o pontilhismo aumentado do céu “que sustenta o avião”, e os semicírculos dos arco-íris incompletos. Letras a *stencil* na margem inferior da pintura remetem para o título da obra que alude ao “espírito de Walden e dos filósofos de Concorde: R[alph] Waldo Emerson está lá, e o próprio Thoreau, o fabricante de lápis”. Tom Phillips é um artista visual e intelectualmente estimulante, músico e compositor, que nas obras expostas evoca informação e elementos retirados da História da Arte ao mesmo tempo que alude à vida quotidiana e ao seu próprio processo de trabalho.

---

## **PÓS-POP. FORA DO LUGAR-COMUM** **Desvios da Pop em Portugal** **e Inglaterra, 1965-75**

Curadoria: Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas

*Galeria Principal do Edifício Sede*

**Até 10 setembro**

---

# A pegada da sustentabilidade na arte

*Desde 21 de abril, há uma peça de Bordalo II para descobrir no Jardim Gulbenkian. Em entrevista, o artista e escultor revela um pouco sobre o seu trabalho e a mensagem que quer passar.*



BORDALO II © MÁRCIA LESSA

Artur Bordalo nasceu em 1987, em Lisboa, e diz pertencer a “uma geração extremamente consumista, materialista e gananciosa”. Sob o nome Bordalo II – o primeiro era o artista plástico Real Bordalo, seu avô, falecido aos 91 anos em junho do ano passado –, o artista de arte urbana começou no *graffiti* e tornou-se conhecido pelas suas esculturas feitas com lixo e desperdícios, expostas um pouco por todo o mundo ao longo dos últimos anos. A peça que criou especialmente para o Jardim Gulbenkian, e que integrou a sua série *Big Trash Animals*, foi inaugurada a 21 de abril e estará exposta até ao fim do mês de maio. Fomos seguir o rasto desta pegada...

## **Trabalhar com o lixo dá às suas obras uma dimensão ecológica, além de artística. Como começou a trabalhar com este tipo de material?**

Não foi uma coisa premeditada. Há uns anos tinha um estúdio pequeno, onde comecei a fazer as minhas experiências com pintura. E como era muito desarmado, deixava num canto os cartões, os plásticos, as embalagens das telas, as latas... Um dia, decidi juntar todo esse desperdício e comecei a esmagar as peças, a colá-las e a fazer superfícies para pintar. Depois, gradualmente, comecei a explorar temáticas diferentes, até chegar aos animais – e, neste caso,

---

o conceito veio pela forma e não o oposto. Entendi que o trabalho com lixo ou desperdício podia ter um potencial conceptual muito interessante, porque se está a trabalhar com um problema para criar uma imagem também ela relacionada com o problema. É uma espécie de “pescadinha de rabo na boca”: utilizar o material que mata os animais para fazer uma imagem dos animais que são as vítimas desse mesmo material. Foi assim que a componente ecológica acabou por surgir no meu trabalho. Hoje, a maior parte das coisas que utilizo são plástico encontrado na rua, em aterros “ilegais”, fábricas abandonadas, sucatas, oficinas ou centros de reciclagem.

### **Tem tido muita projeção internacional. Que experiências o marcaram mais?**

Sem dúvida aquelas em países onde há muito lixo e não há sistema de reciclagem nem grande preocupação ambiental. Falo de países como o México, o Haiti, a Tailândia... O Haiti, por exemplo, é uma ilha com um ambiente paradisíaco, mas a ação descontrolada do Homem e a miséria que vem por arrasto tornam-no completamente deprimente. Apesar de haver lixo por todo o lado, foi muito difícil encontrar material, porque, não havendo sistema de reciclagem, está tudo misturado e é impossível encontrar um pedaço de plástico isolado com o qual trabalhar. Essa experiência de recolha de lixo, que me obriga a estar no terreno à procura de material quando vou fazer uma obra, é uma parte bastante importante do processo de criação, que se vai refletindo também naquilo em que me vou tornando como pessoa e artista.

### **Como sente que o seu trabalho tem sido recebido?**

Trabalho bastante mais fora do que cá, mas acho que, no geral, o trabalho tem sido recebido com os olhos com que eu espero que seja: não como uma série de coisas meramente estéticas e agradáveis à vista, mas como um trabalho com algo para dizer, com um conceito, uma mensagem.

### **Que peça é esta que podemos ver no Jardim Gulbenkian?**

A escultura que fiz para o Jardim Gulbenkian faz parte da série de trabalhos à qual chamei “Big Trash Animals”, que tenho desenvolvido um pouco por todo o mundo e em que construo imagens de animais de várias espécies (muitos em vias de extinção), chamando a atenção para a problemática da poluição e da contaminação do lixo no ecossistema. Esta peça em particular é composta por dois ursos — a mãe, com cores vivas, bonitas e naturais e o filho, com as cores sintéticas do plástico. A diferente plasticidade de um e outro pretende evocar a ideia de intergeracionalidade, marcar uma diferença geracional. O que isto quer dizer é que a próxima geração é ou será muito mais afetada pelos nossos erros do que nós.

### **Porque é para si relevante pensar nas gerações futuras hoje?**

Acho que acima de tudo devemos preocupar-nos com o estado do mundo e da Natureza. A Terra é provavelmente única no universo e para já não temos outra alternativa. É uma grande contradição alguém que não tem essa consciência ambiental querer ter filhos e netos, porque estamos a deixar um legado infernal para as gerações futuras. Acredito que o meu trabalho pode servir, e espero que sirva, como parte da educação e cultura que, quanto a mim, deve ser a base de qualquer sociedade sustentável. A arte, e especialmente a arte no espaço público, no meio dos anúncios e *outdoors* com que somos bombardeados no dia a dia, ainda funciona como agente de comunicação impactante, com o poder de captar o olhar das pessoas para as coisas importantes. No meu trabalho, digo que a questão da sustentabilidade veio por acréscimo, porque o conceito surgiu depois do processo de criação; mas é algo em que espero trabalhar durante muito tempo. Faz-me sentir muito mais realizado poder fazer uma peça que não seja apenas um objeto artístico, que tenha alguma coisa a dizer à sociedade e que seja uma presença ativa na esfera comum.



HALF BEAR, 2018, DE BORDALO II (NA FOTO) © GONÇALO BARRIGA

*"Acima de tudo devemos preocupar-nos com o estado do mundo e da Natureza."*

Bordalo II

# 50 anos de arquitetura portuguesa

*Um olhar sobre a arquitetura portuguesa do último meio século é o que propõe a exposição Os Universalistas – 50 Anos de Arquitectura Portuguesa na Casa da Arquitectura, em Matosinhos.*



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

Comissariada por Nuno Grande para as celebrações dos 50 anos da delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian, esta exposição percorre o trabalho de arquitetos de várias gerações, como Fernando Távora, Alberto Pessoa, Ruy d'Athouguia, Manuel Tainha, Pancho Guedes, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Álvaro Siza Vieira, Alcino Soutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias, Manuel e Francisco Aires Mateus, ARX Portugal, Paulo David, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos.

Na exposição misturam-se materiais relativos a 50 projetos – maquetes, desenhos técnicos e fac-símiles de esboços ou esboços de arquitetos – com fotografias, textos e caricaturas que refletem as transformações político-sociais em Portugal no último século.

---

# O poder dos talismãs

*A Delegação da Fundação Gulbenkian em Paris apresenta até ao dia 1 de julho uma exposição singular intitulada Talismãs. O deserto entre nós não passa de areia.*



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © GUILLAUME PAZAT

Trata-se de um projeto de Sarina Basta que, em 2015, obteve a bolsa Gulbenkian de Curadoria da École Nationale des Beaux-Arts de Paris e que tem como pano de fundo o poder dos talismãs e a sua capacidade de conferir proteção, ajuda ou sorte. A curadora interessou-se pelos vários usos destes estranhos objetos que desempenham uma função simbólica íntima, que se cruza com crenças coletivas, como se a nossa relação com eles tivesse o poder de convocar forças para agir em nosso favor.

Sarina Basta desafiou uma dezena de artistas a refletir sobre situações de colapso, individual ou social, e cada um sugeriu, à sua maneira, estratégias reais ou sonhadas, alegóricas ou poéticas, para enfrentar as dificuldades.

Um escaravelho sagrado egípcio da Coleção do Museu Calouste Gulbenkian dá o mote a esta exposição realizada em parceria com o Jeu de Paume e com o Festival Move do Centro Pompidou para a programação paralela. Estão expostas obras de Adonis, Leonor Antunes, Art Orienté Objet, Kader Attia, Pedro Barateiro, Bady Dalloul, Laddie John Dill, Éléonore False, Isabelle Ferreira, Claire Fontaine, Maria Hassabi, On Kawara, Tarek Lakhri, Cildo Meireles, James Nares, Azzedine Saleck e Lawrence Weiner.

## Guerra ou Paz

*De 4 a 22 de maio, a Gulbenkian Música apresenta um programa que reúne alguns exemplos marcantes de partituras que evocam as vítimas da guerra, mas também que cantam a reconciliação e a harmonia entre os povos.*

O programa inicia-se com o *War Requiem* de **Britten**, obra composta em memória das vítimas da II Guerra Mundial e estreada na nova catedral de Conventry, depois da anterior ter sido destruída pelos bombardeamentos. Graeme Jenkins dirige a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos (dia 4, 21h).

*O Ano de 1812, abertura festiva* de **Tchaikovsky**, composta para comemorar a derrota das tropas de Napoleão na Rússia, será tocada na jornada dupla dos Concertos de Domingo, num programa que inclui a *Suíte da Guerra das Estrelas*, composta por **John Williams**, e ainda o belíssimo *Adagio para Cordas* de **Samuel Barber**. Pedro Neves dirige a Orquestra Gulbenkian nestes dois concertos (dia 6, 12h e 17h).

O programa seguinte dará a ouvir a 7.<sup>a</sup> *Sinfonia* de **Chostakovitch**, composta durante o cerco das tropas nazis a Leninegrado, as *Metamorfozes* de **Richard Strauss**, que evoca a destruição da Alemanha no final de II Guerra Mundial, e *Trenos à Memória das Vítimas de Hiroxima* de **Penderecki**, um profundo lamento pelas vítimas da bomba atómica lançada no fatídico dia 6 de agosto de 1945 (11 e 12 maio).

No dia 12 serão exibidos dois filmes: *O Cerco de Leninegrado* de **Serguei Loznita** e *Leninegrado e a Orquestra que desafiou Hitler* de **Tim Kirby**.

**Jordi Savall**, que defende a música como meio para a paz entre os homens, apresenta neste programa *O Milénio de Granada*, um concerto focado na ascensão e queda da mais notável das cidades da Espanha muçulmana (20 maio).

Acreditando também no poder redentor da música, a meio-soprano americana **Joyce DiDonato** dá a ouvir um concerto com árias barrocas que explora harmonia e a discórdia intitulado *Em Guerra e Paz* (22 maio).

Revisitando também a música barroca, o **Ludovico Ensemble** apresenta obras de **Lully** e **Charpentier** que cantam a paz como meio para o florescimento das artes e da civilização (15 maio).



JORDI SAVALL © D.R.



JOYCE DIDONATO © BROOKE SHADEN



OS PLANETAS © D.R.

A encerrar este ciclo, a Orquestra Gulbenkian dirigida por **Robert Ziegler** protagonizará um momento especial ao interpretar a obra *Os Planetas* de Gustav Holst com a projeção simultânea de imagens cedidas pela NASA. Neste concerto serão tocadas, também com projeções de imagens, as peças *Assim falava Zaratustra* de Richard Strauss e *Short Ride in a Fast Machine* de John Adams (18 e 19 de maio).

---

### **Apresentação da nova temporada**

A temporada Gulbenkian Música 18/19 é apresentada ao público no próximo dia 25 de maio. Venha conhecer, em primeira mão, os momentos mais marcantes da programação, assistindo ao filme de apresentação da temporada que será projetado no Grande Auditório a partir das 18h30. Esperamos por si.

---

## Arte Acessível

*O dia 6 de maio vai ser especial na Fundação Gulbenkian, com uma programação dedicada a todas as famílias que não quer deixar ninguém de fora.*



WORKSHOP "DANÇA DE MATERIAIS INERTES" © MÁRCIA LESSA

Um conjunto de oficinas gratuitas para todas as famílias, a mostrar que a arte é uma poderosa ferramenta de inclusão, é o que propõe este dia especial. Desde visitas e *workshops* para dançar e desenhar – “Dança de materiais inertes” (10h, 14h e 16h30), “Pisar o risco” (10h), “Visita desenhada” (11h15), “Visita dançada” (15h15) – às atividades para descobrir, explorar e brincar na Coleção do Fundador – “O que nos diz um retrato?” (14h), “Brincar através da arte” (10h) –, haverá ainda oportunidade para descobrir “O mundo no jardim” (10h), e explorar as sensações, as emoções e a consciência do eu no contacto com a Natureza.

Além disto, uma visita orientada com audiodescrição à exposição *Pós-Pop. Fora do lugar-comum*, promovida em colaboração com o British Council, permitirá que o público cego ou com baixa visão “veja com os ouvidos” e fique a conhecer uma seleção de obras da mostra.

No dia 6 de maio, na Fundação Gulbenkian, a arte chega a todos. Pode ver o programa completo em [gulbenkian.pt/descobrir/arte-acessivel/](http://gulbenkian.pt/descobrir/arte-acessivel/)

## Dia e Noite dos Museus

*Visitas, performances, concertos e música pela noite dentro é o que promete o programa para celebrar os museus, a 17, 18 e 19 de maio.*



PÓS-POP. FORA DO LUGAR-COMUM © CARLOS AZAVEDO

“Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos” é o tema escolhido pelo ICOM (International Council of Museums) para celebrar o Dia Internacional dos Museus em 2018 e enfatizar o seu potencial enquanto espaço vivo de representação, debate e relevância na sociedade contemporânea. Neste contexto, o Museu Calouste Gulbenkian preparou uma programação multifacetada com foco no dia 18 de maio, mas que se alastra por três dias.

Para começar, a 17 e 18 de maio, será mostrado um projeto de instalação vídeo intitulado *Diaporama* – resultado de um desafio lançado aos alunos de cinema e fotografia da Escola Ar.Co, para criar uma gramática visual a partir da relação dos alunos com os espaços, edifícios e acervos da Fundação Gulbenkian. No dia 18, na Sala Polivalente, às 11h30, uma conversa com os alunos permitirá saber um pouco mais sobre o processo criativo por detrás deste projeto.

O mesmo dia será também pautado por uma extensa programação em torno da mostra *Pós-Pop. Fora do lugar-comum*, que inclui, durante o dia, várias visitas virtuais à exposição, filmadas em direto e transmitidas na Internet, com orientação das curadoras e de outros especialistas. Tanto a Coleção do Fundador como a Coleção Moderna estarão abertas até às 21h00, com uma performance do grupo de teatro jovem Guerberoff, intitulada *LIGADUS*. Concertos e música até à meia-noite, entre outras surpresas, completam o programa da noite.

Já no dia 19, o Museu Gulbenkian e o British Council promovem duas visitas (11h e 15h) com audiodescrição à exposição *Pós-Pop. Fora do lugar-comum*. Pelas 16h30, uma última sessão da performance do grupo Guerberoff conclui a programação. Todas as atividades têm entrada gratuita.

# "A Fundação caiu do céu!"

*Sessenta e três anos depois de ter recebido a primeira bolsa Gulbenkian, Carlos da Silva Corrêa escreveu ao Conselho de Administração a "pedir autorização para devolver" os 60 contos recebidos em 1955.*

Não foi a única vez que recorreu ao apoio financeiro da Fundação Gulbenkian, mas foi a primeira. Carlos da Silva Corrêa, apesar dos seus 18 anos (saía apenas do antigo liceu), decidiu escrever a José de Azeredo Perdigão. Contou-lhe na sua missiva que o seu pai, doente, tinha sido obrigado a deixar de trabalhar e terminou solicitando ao então testamentário do magnata arménio apoio financeiro para conseguir tirar uma licenciatura em Engenharia Química, na Universidade do Porto.

Hoje, chegado aos 81 anos, conta que já estava matriculado na faculdade, mas não sabia bem como haveria de pagar a estadia no Porto (a família vivia em Barcelos) durante os anos de estudos. Foi, por isso, com grande alegria que veio a Lisboa falar "com o dr. Raposo Magalhães, colega do Dr. Perdigão", e sairia do encontro com um "empréstimo". Olhando para trás, para a vida que essa vinda a Lisboa lhe proporcionou, faz uma pausa na conversa escorreita, ganha um brilho nos olhos, e diz: "A Fundação caiu do céu!"

O que o jovem Silva Corrêa receberia seria, nessa altura, considerado "um empréstimo" (que ficaria para a história como "a primeira bolsa Gulbenkian" pelo que viria a ser a Fundação Gulbenkian) e para os receber teria de dar a sua "palavra de honra de que, à medida que a vida o permitisse, devolvesse" aqueles 60 contos.

Com esse dinheiro, tirou os três anos na Faculdade de Ciências e outros três na Faculdade de Engenharia, "como se fazia na altura". Em 1961 já era engenheiro químico, mas acabou por não deixar a vida da faculdade. Foi ficando. Primeiro, foi convidado para assistente.

Depois voltou a bater à porta da Gulbenkian (agora sim, já constituída em Fundação), para preparar o doutoramento na Universidade de Oxford. A bolsa (a segunda, se considerarmos o empréstimo como uma espécie de primeira) seria atribuída e Carlos da Silva Corrêa partiria para Inglaterra, recém-casado. Regressou "três anos e três meses depois, com três filhos" nascidos em terras de sua Majestade, mas sem equivalência ao doutoramento tirado no departamento de Química Orgânica da Universidade de Oxford. Nada que o pudesse assustar. Escreveu nova tese de doutoramento para apresentar na Universidade do Porto e lá continuou, na Faculdade de Ciências. Ainda se poderia contar que se candidatou a mais uma bolsa da Fundação, para se preparar para professor extraordinário, mas seria redundante.



CARLOS DA SILVA CORRÊA E A SUA MULHER, CAROLINA MANUELA  
© MÁRCIA LESSA



CARLOS DA SILVA CORRÊA © MÁRCIA LESSA

### **Uma carreira dedicada à “base da vida”**

Carlos da Silva Corrêa dedicou a sua vida ao ensino de Química Orgânica, “a base da vida”, como diz, e à Universidade. “Ganhava-se mal” – é assim que justifica os dois meses em que foi trabalhar para uma grande empresa e onde não encontrou nada que o entusiasmasse. Ao invés, sempre gostou de dar aulas. Agradava-lhe ver os alunos a ouvir, a absorver o que ele ensinava. Depois, vinham os exames... E apercebia-se que por vezes os resultados o desiludiam. “Incomodava-me”, confessa.

Esteve, até aos 70 anos, em exclusivo na faculdade onde foi regente de várias cadeiras e chegou a catedrático. Aí, teve de sair, “obrigado”, garante Carolina Manuela, a mulher com quem casou e com quem teve cinco filhos, sete netas e uma bisneta. Deixou a faculdade, mas não a Química. Virou o azimute e fez palestras nas escolas secundárias – que percorreu às suas expensas, acompanhado do seu *kit* de materiais –, escreveu manuais escolares e vai-se entretendo nas redes sociais, onde se tem “dedicado a dar pancada nos que divulgam a pseudociência”: “Tenho o dever de propagar a verdade.”

Em outubro, foi operado. “Pensou que ia morrer”, diz, serenamente Carolina Manuela para explicar a vontade de devolver o que havia recebido 63 anos antes. “Não era tanto a dívida” que o preocupava, mas “a palavra de honra que tinha dado”, esclarece.

Ao voltar a casa fez as contas. Os 60 contos recebidos em 1955 corresponderiam, a preços de hoje, a cerca de 15 mil euros. Escreveu ao Conselho de Administração a “pedir autorização para devolver” o montante emprestado, com um objetivo: “dar a oportunidade, a outro estudante, de beneficiar do que eu beneficiei”.

---

# Vêm aí as Academias Gulbenkian do Conhecimento

*A Fundação Calouste Gulbenkian quer ajudar crianças e jovens a ter sucesso num mundo em rápida mudança.*

Sabia que 65 por cento das crianças que entram hoje na escola hão de trabalhar em empregos que ainda não existem? Que 60 por cento dos alunos estão a estudar para trabalhos que daqui a 30 anos poderão ser obsoletos? E que os seis primeiros critérios de contratação, nas grandes multinacionais, são *soft skills*?

O mundo está a mudar muito depressa. As nossas crianças e jovens aplicam-se na Matemática, no Português ou no Inglês. O mercado do trabalho cavalga cada vez mais depressa para a automação, para a digitalização e a conectividade. Mas as sociedades estão a exigir novas soluções, de pessoas com outro tipo de capacidades, com mais competências pessoais e sociais – as chamadas *soft skills*.

Assim, tendo em vista a preparação dos sub-25 para o futuro, a Fundação pretende criar um movimento social de promoção de competências que ainda não são suficientemente desenvolvidas através do sistema educativo convencional e que passam, entre outras, pelo pensamento crítico, a resolução de problemas complexos, a cooperação, a empatia, a criatividade. Esta aprendizagem será feita através de Academias Gulbenkian do Conhecimento – projetos a decorrer em organizações sem fins lucrativos, heterogéneas na sua atividade (artísticas, culturais, desportivas, científicas, educativas, sociais), que se proponham entrar nesta engrenagem de preparar as crianças e jovens com menos de 25 anos para um futuro em rápida mudança.

As candidaturas abrem já este mês de maio.

Para mais informações, consulte [academias.gulbenkian.pt](http://academias.gulbenkian.pt).



---

# Investir no desenvolvimento sustentável do oceano

*A Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Oceano Azul assinaram um protocolo para os próximos três anos.*

Um compromisso de cooperação destinado a promover o desenvolvimento sustentável do mar foi assinado em abril pelas duas fundações. Este acordo visa uma união de esforços para a valorização do capital natural marinho, nomeadamente através da promoção de uma nova economia azul e da dinamização de uma sociedade empenhada na conservação do oceano.

Foi anunciada também a primeira iniciativa ao abrigo deste protocolo, a qual será implementada já em 2018: o programa *Blue Bio Value*. Este projeto, que envolve um investimento conjunto de um milhão de euros, ao longo de três anos, tem como objetivo criar um programa internacional de aceleração de projetos e *startups* ligadas à bioeconomia azul. A iniciativa visa atrair projetos e ideias e transformá-los em oportunidades de negócio ao longo da cadeia de valor dos biorrecursos marinhos, incluindo biotecnologia, e que



TIAGO PITTA E CUNHA, JOSÉ SOARES DOS SANTOS, ANA PAULA VITORINO, ISABEL MOTA E PEDRO NORTON © PEDRO PINA

tenham como solução o desenvolvimento de produtos ou serviços sustentáveis.

---

## Prémio Fernando Gil

Emily Grosholz, professora de Filosofia, Estudos Afro-Americanos e Inglês e membro do Center for Fundamental Theory/Institute for Gravitation and the Cosmos na Universidade da Pensilvânia, foi a vencedora do Prémio Internacional Fernando Gil 2017 com o livro *Starry Reckoning: Reference and Analysis in Mathematics and Cosmology*. No livro premiado, a autora defende a tese de que Matemática e a Ciência exigem tanto discursos de análise como discursos de referência.

O prémio foi criado em 2009 pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, para homenagear a memória e a obra do filósofo português Fernando Gil (1937-2006). No valor de 75 mil euros, distingue trabalhos de qualidade excepcional no domínio da Filosofia da Ciência, da autoria de investigadores de qualquer nacionalidade ou afiliação profissional.

---

# STOP Infecção Hospitalar!

*O Desafio Gulbenkian terminou. Olhando para o trabalho realizado em 19 hospitais, conclui-se que os resultados ultrapassaram as expectativas.*



O objetivo da Fundação Gulbenkian e do Ministério da Saúde era reduzir para metade as infeções adquiridas em meio hospitalar. Três anos depois, surgem os resultados do trabalho realizado em 19 hospitais e a certeza de que as expectativas criadas à volta do Desafio STOP Infecção Hospitalar! foram claramente ultrapassadas.

O ponto de partida não era motivo de orgulho: em 2014, morriam sete vezes mais pessoas com infeções adquiridas nos hospitais do que em acidentes de viação e o tempo de internamento de doentes com infeções hospitalares era cinco vezes superior ao dos restantes. Portugal registava quase o dobro das infeções hospitalares do que a média dos países europeus, com custos estimados em 300 a 400 milhões de euros ao ano.

Sendo impossível atacar todas as frentes, foram selecionados 19 hospitais e identificadas as quatro infeções cujo combate era prioritário: a associada à algáliação; a relacionada com o cateter vascular central; a proveniente da intubação; e a associada à ferida operatória.

Três anos passados, os resultados do Desafio estão à vista: registaram-se reduções de mais de 50 por cento nas quatro tipologias de infeção, garante, satisfeito, Jorge Soares, que entre 2015 e 2018 dirigiu o Programa Gulbenkian Inovar em Saúde. Por seu lado, Paulo Sousa, da Comissão Executiva do Desafio, acredita que, "se forem criadas as condições necessárias, o sucesso da disseminação destas metodologias e práticas aos outros hospitais será uma realidade, com ganhos clínicos, económicos e sociais bastante relevantes".

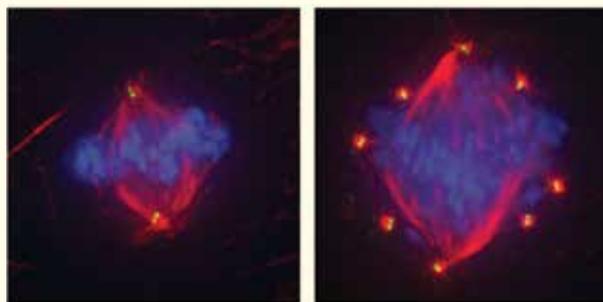
---

# Afinal o cancro tem calcanhar de Aquiles

*Um novo estudo publicado na Nature Communications identifica características específicas nas células cancerígenas que podem ajudar no combate à doença.*

Num estudo desenvolvido no Instituto Gulbenkian de Ciência pela equipa de investigação liderada por Mónica Bettencourt-Dias, os investigadores observaram que, na maioria dos subtipos agressivos de cancro, há um aumento no número e tamanho de estruturas minúsculas que existem dentro de cada uma das nossas células, chamadas "centríolos". Estas são características importantes das células cancerígenas que podem ajudar os médicos na luta contra o cancro. Cerca de 100 vezes mais pequenos do que um fio de cabelo, os centríolos têm sido considerados o "cérebro" da célula, uma vez que desempenham papéis cruciais na multiplicação, movimento e comunicação entre células. Esses processos são normalmente alterados no cancro e permitem a sobrevivência e multiplicação das células cancerígenas. Já nas células normais, o número e o tamanho dos centríolos são altamente controlados.

Desde a sua descoberta, há mais de um século, que se propôs que o aumento anormal no número destas estruturas poderia induzir cancro. A equipa de Mónica Bettencourt-Dias investigou a incidência de anormalidades nos centríolos em células cancerígenas humanas e analisou minuciosamente um painel de 60 linhas de cancro humano oriundas de nove tecidos diferentes. Os resultados revelaram que as células cancerígenas frequentemente têm centríolos mais longos e em maior número, algo que não existe nas células normais. Mais importante, a equipa observou que o excesso de centríolos é mais prevalente em formas agressivas do cancro da mama, como o triplo negativo, e do cólon. Descobriram também que os centríolos mais longos são excessivamente ati-



vos, o que perturba a divisão das células e pode levar à formação de cancro.

"Os nossos resultados confirmam que uma desregulação no número e tamanho dos centríolos dentro das células está associada a características malignas", diz Gaëlle Marteil, investigadora da equipa e primeira autora deste estudo. Esta descoberta "pode ajudar a estabelecer as propriedades dos centríolos como uma forma de classificar tumores de modo a determinar prognósticos e prever o tratamento adequado", conclui.

Por seu lado, Mónica Bettencourt-Dias adianta que as linhas celulares analisadas "já estão muito bem caracterizadas em termos de alterações genéticas e resistências a terapêuticas". O próximo passo é "conduzir estudos para explorar novos mecanismos e terapêuticas que possam atuar sobre os centríolos no cancro", o que será feito em colaboração com a equipa de Nuno Barbosa-Morais no Instituto de Medicina Molecular, em Lisboa, e com a equipa de Joana Paredes no I3S, no Porto.

# Ambientes

por Gonçalo Barriga

*Um ramo de flores coloridas e a libelinha laranja criada pelos mais pequenos no Dia da Terra. E se 22 de abril fosse o ano inteiro?*





GULBENKIAN.PT

---

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa